

A economia e a Nação - Brasil

Costuma-se classificar o Brasil, utilizando-se parâmetros econômicos clássicos, como um País quase desenvolvido, a nona potência econômica do mundo, porque tem renda per capita de 2,2 mil dólares, o maior PIB da América Latina, uma das mais extensas áreas agrícolas do mundo, etc. etc. Não raro se lembra, nos rasgos de ufanismo que esta Nação tanto aprecia, a elevada qualidade de vida que se pode ter no Brasil, não muito inferior ao que está disponível nas grandes economias do mundo, traduzida na oferta de bens e serviços que efetivamente se comparam ao que há de melhor ao alcance de qualquer povo.

A propósito das declarações do consultor de saúde infantil da Unicef, Aaron Lechtig, publicadas ontem pela imprensa, vem-nos uma indagação: estará correta a metodologia internacional de avaliação do nível de desenvolvimento dos países? Será ela de fato capaz de exprimir a realidade do País avaliado? Que importância têm, para o efeito de mensuração de um país, os números relativos à dimensão do PIB, à renda média, ao volume do seu comércio exterior, etc.? O que exprimem, na verdade, os indicadores econômicos?

O representante da Unicef constatou, horrorizado, que o índice de mortalidade infantil no Nordeste brasileiro é da ordem de 250 óbitos por mil crianças nascidas e informou que a estatística de 100 e 200 crianças mortas por mil nascidas só é atingida por países como o Alto Volga, Afeganistão, Camboja, Haiti e Bolívia. Ou seja, o índice brasileiro é o pior do mundo, inferior ao de um país paupérrimo como o Alto Voga, que tem renda per capita anual de 200 a 400 dólares, menos de 20 por cento da renda brasileira. Podermos tomar outros dados, que a Unicef não utilizou: apenas 2 por cento dos contribuintes brasileiros pagam 95 por cento do Imposto de Renda recolhido; 65 por cento dos trabalhadores ganham até 1 salário mínimo; apenas 3 por cento dos

trabalhadores ganham mais de 8 salários mínimos, e assim por diante.

Qual é, afinal, a situação do Brasil? Somos um país em desenvolvimento ou um país miserável, pior do que o Haiti? A resposta a esta pergunta é simples e inquietante. Somos, de fato, um dos piores países do mundo por padrões sociais, com a particularidade de que não nos damos conta disto. Os leitores que, neste instante, nos estão lendo, certamente tenderão a julgar exagerada a afirmativa, sem perceberem, todavia, que todos aqueles que puderam comprar um exemplar do jornal e tiveram a capacidade de ler e entender este texto constituem não mais de 8 por cento da população. Ou seja, todos os que estão duvidando fazem parte do fechadíssimo clube dos brasileiros privilegiados que puderam ascender a um nível superior ao de 92 por cento da população, estes, sim, representativos do País real. Este é o Brasil que a Unicef, aterrorizada, acaba de descobrir.

O que importa o tamanho do PIB que produz 2,2 mil dólares de renda per capita se esta renda é apropriada por parcela insignificante da população? A renda per capita, como indicador social, se assemelha à situação de alguém que tem a cabeça no forno e as pernas na geladeira: a temperatura média (constatável no umbigo) certamente será ótima, mas o indivíduo morrerá assim mesmo.

A grave, urgente e crucial questão brasileira, está visto, não é econômica mas política, porque se traduz na nossa dramática irresponsabilidade social coletiva. Precisamos urgentemente deixar de medir o País por seus índices econômicos e passar a medi-lo pela capacidade que têm esses índices de traduzir qualidade de vida. O país é o povo, não a sua economia. Se o povo passa fome ou morre aos milhões antes de completar 1 ano de idade, este país é miserável, ainda que tenha renda per capita de 2 mil e 200 dólares.